

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações historiográficas a respeito das contribuições do cristianismo para a cultura na Idade Média Central

Por: Daiana Moreira da Rocha¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, fazer uma abordagem acerca das possibilidades que temos de compreender, a cultura da Europa medieval, sobretudo, no período da Idade Média Central. Nesse sentido, focalizaremos os estudos do historiador Thomas Woods no qual demonstra, bem como, por proteção das instituições monásticas, as obras da Antiguidade Clássica, foram preservadas dos ataques germânicos. Para tanto, buscaremos enfatizar a interpretação da historiadora da educação, a professora Terezinha Oliveira a respeito da filosofia escolástica, que visou constituir os seus conceitos com base na filosofia da Antiguidade, a qual foi preservada pelos monges e bispos. Todavia, considerando as interpretações dos autores referidos, acreditamos que o trabalho apresentado se justifica, pois, quando abordamos os elementos culturais que permearam a Idade Média, cremos ser possível identificar as raízes das instituições de ensino existentes na atualidade.

Palavras-chave: Europa ocidental; Invasões Germânicas; Escolástica.

Abstrakta

La nuna laboro havas kiel objektiva, fari alproksimiĝon pri la eblecoj, kiujn ni devas kompreni, la kulturon de mezepoka Eŭropo ĉefe en la mezepoka mezepoko. En ĉi tiu senso, ni fokusiĝos pri la studoj de la historiisto Thomas Woods, en kiuj li pruvas, kaj ankaŭ, por protekti monaĥajn instituciojn, la verkojn de la Klasika Antikva tempo, estis konservitaj de la germanaj atakoj. Sekve, ni celas substreki la signifon de la historiisto de la edukado, la instruisto Terezinha Oliveira pri la lerneja filozofio, kiu celis konstrui siajn konceptojn surbaze de la filozofio de antikveco, kiu estis konservita fare de monaĥoj kaj episkopoj. Tamen, konsiderante la legoj de ĉi tiuj aŭtoroj, ni kredas, ke la laboro prezentita estas pravigita, ĉar kiam ni alproksimiĝas kulturajn elementojn kiu trempis la mezepoko, ni kredas eblas identigi la radikoj de ekzistantaj edukaj institucioj nuntempe.

Ŝlosilvortoj: Okcidenta Eŭropo; Germanaj invadoj; Lerneja.

¹ É graduanda em História pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Participa do Projeto Laboratório de História do Brasil, do Grupo e estudos GEFP e do Programa de iniciação à docência – PIBID.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

The present work has as objective, to make an approach about the possibilities that we have to understand, the culture of medieval Europe, mainly, in the period of Central Average Age. In this sense, we will focus on the studies of the historian Thomas Woods in which he demonstrates, as well as, for the protection of monastic institutions, the works of Classical Antiquity, were preserved from the German attacks. In order to do so, we will try to emphasize the interpretation of the historian of education, teacher Terezinha Oliveira, regarding the scholastic philosophy, which aimed to constitute its concepts based on the philosophy of antiquity, which was preserved by the monks and bishops. However, considering the interpretations of the authors mentioned, we believe that the work presented is justified, because when we approach the cultural elements that permeated the Middle Ages, we believe that it is possible to identify the roots of today's educational institutions.

Keywords: *Western Europe; German Invasions; Scholastic*

Introdução

Ao longo da Idade Média, o monasticismo passou a ser uma instituição importante para o desenvolvimento cultural do Ocidente europeu, pois, a cultura clássica esteve a ponto de entrar em decadência em meio às invasões bárbaras no século VI. No entanto, os monges se encarregaram de preservar as obras da Antiguidade Clássica nos mosteiros permitindo assim, que o conhecimento greco-romano permanecesse seguro. Desse modo, a ação do monaquismo possibilitou a formação cultural, legal, artística e democrática da Europa ocidental.

Contudo apesar da ameaça de extinção na qual a ciência e as artes do mundo Antigo sofreram com as invasões germânicas, elas encontraram asilo e refúgio nos templos e mosteiros da Igreja Católica. Assim, os monges e bispos juntamente com os reis, fundaram algumas escolas com uma base educacional pautada nas sete artes liberais, distinguidas e denominadas por Platão como trivium (gramática, retórica e dialética) e quadrivium (aritmética, música, geometria e astronomia).

Nesse sentido, para o historiador Christopher Dawson (2016), foi apenas por meio da Igreja e particularmente a partir dos esforços dos monges que a tradição da cultura clássica e os



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

escritos dos autores clássicos, foram preservados. Todavia podemos verificar um exemplo disso na história de Cassiodoro²:

[...] No século VI vemos um exemplo extraordinário no caso de Cassiodoro (496-575), em que a antiga tradição da educação encontra refúgio no mosteiro. As escolas, bibliotecas e salas de escrita monásticas tornaram-se os meios pelos quais a alta cultura da Europa ocidental pôde sobreviver [...] (DAWSON, 2016, p. 71).

Por conseguinte, de acordo com Ruy Nunes (2017) o saber antigo preservou-se nos livros que os mosteiros e as igrejas agasalharam carinhosamente, uma vez que a sua transmissão às gerações da Idade Média operou-se por meio da cópia dos manuscritos e da elaboração de manuais e enciclopédias por alguns autores do fim do mundo antigo, bem como Santo Agostinho e Marciano Capela, e por escritores do início da Idade Média, ou seja, Cassiodoro, Boécio, Santo Isidoro de Sevilha e São Beda, o Venerável.

Além disso, a existência da formação clássica nos mosteiros também foi defendida por Rucquoi (1995) uma vez que na visão da autora, o mosteiro de Ripoll foi conservado pelos condes de Barcelona e da Cardenha, contendo uma biblioteca rica em livros litúrgicos, bíblicos, patrísticos e obras de exegese, o mosteiro abriga uma coleção de autores pagãos da Antiguidade Clássica e cristãos, além dessa variedade de livros culturais a instituição monástica possui também, uma coleção [...] de livros científicos. Segundo Rucquoi:

Virgílio, Horácio, Cícero, Terêncio, Juvenal, Macróbio, César, Flávio José, Marciano Capella, Sedúlio, Arator, Boécio, obras de Aristóteles e de Porfírio em latim [...] mas também Usuardo -, textos de leis e de obras científicas de medicina, de astronomia, de agronomia, de geometria e de música [...] (RUCQUOI, 1995 p.120-121).

²Segundo Ruy Nunes, Cassiodoronasceu em Scyllacium, à atual Squillace, na Calábria, recebeu uma excelente educação clássica, foi servidor dedicado dos reis ostrogodos, tornou-se questor e funcionário do rei ostrogodo Teodorico, cônsul, e por fim, mestre de ofícios, ou seja, primeiro ministro. Por volta de 555, fundou o mosteiro de Vivarium, *monasteriumvivariense*, no domínio de sua família, no qual, passou muitos anos de sua vida entregue à organização da biblioteca e a redação de obras religiosas e eruditas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Da mesma maneira, o historiador Ricardo da Costa enfoca que, o mosteiro de Santa Maria de Ripoll, possuía uma imensa biblioteca, a maior de sua época, a ponto de o *scriptorium* de Ripoll irradiar um importante renascimento cultural para toda a Europa:

Pois era lá que se encontrava Ripoll, o mosteiro de Santa Maria de Ripoll, com sua imensa biblioteca, a maior de sua época. O *scriptorium* de Ripoll irradiou um importante renascimento cultural para toda a Europa, e muitos estudantes e religiosos, ávidos em busca de conhecimento, se dirigiam para aquelas terras distantes, nos confins do mundo cristão. (COSTA, 2009, p. 404).

Ademais segundo o autor Georges Duby (1994), a abadia de Fleury-sur-Loire era considerada um centro de estudos de primeira importância, pois, tendo sido uma fundação merovíngia, os bispos da Inglaterra foram procurar artífices de uma reforma monástica e o monge Abbon de Fleury se incorporou após ter estudado em Reims:

[...] No século X, Fleury – chamavam-lhe também S. Bento – aparecia no Ocidente como o maior foco da tradição beneditina: os bispos de Inglaterra foram ali procurar os artífices de uma reforma monástica. Era do mesmo modo um centro de estudos de primeira importância, onde se formavam, além dos noviços, muitos alunos seculares [...] (DUBY, 1994, p.109).

Já em relação à Itália, o mais importante centro cultural foi à abadia de Monte Cassino: “[...] muito florescente no século VIII até o ano de 883[...] Havia nesses mosteiros um grande intercâmbio de professores e de livros, o que aumentava a noção de um fértil universo intelectual com [...] conexões de estudo e de conhecimento [...]” (SANTOS; COSTA, 2015, p. 166).

Desse modo, o ensino na Idade Média também passou a ser acessível para as crianças, tanto em sua paróquia quanto no mosteiro, sobretudo, com o concílio de Latrão em 1779. Desse modo, a autora RégiePernoud (1997) nos explica que a criança era admitida com sete ou oito anos de idade, e o conteúdo preparava para os estudos da Universidade e estendia-se por uma dezena de anos. Os rapazes e as moças eram separados, por terem os seus estabelecimentos particulares. Assim, a abadia de Argenteuil, onde Heloísa³ foi educada, ensinava as moças a Santa Escritura, as

³Segundo a obra “Os intelectuais na Idade Média” de Jacques Le Goff, Heloísa era sobrinha de um cônego chamado Fulbert. Esse confrade havia confiado a Abelardo à tarefa de ensinar Heloísa, no entanto, Abelardo e ela se apaixonaram.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

letras, a medicina, a cirurgia, o grego e o hebraico que Abelardo a ensinou nesse estabelecimento:

[...] Em geral, as pequenas escolas proporcionavam aos seus alunos as noções de gramática, de aritmética, de geometria, de música e de teologia que lhes permitiriam aceder às ciências estudadas nas Universidades; é possível que algumas tenham comportado uma espécie de ensino técnico [...] (PERNOUD, 1997, p. 96).

Conforme dizia Terezinha Oliveira no livro “Ensino e debate na Universidade Parisiense do século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio” os teóricos da Igreja tinham clareza da importância de ensinar as crianças a copiarem e a lerem, porque em sua concepção este era o princípio necessário à preservação e transmissão da cultura medieval, especialmente a religiosa. Para tanto, Oliveira nos demonstra que nas palavras de Chartier essa prática institucionalizada pela Igreja foi também fundamental para a elaboração de uma nova forma de sociedade. De acordo com Chartier:

O hábito de fazer com que lessem, para seus professores, versos que tinham copiado dos salmos, sem necessariamente terem aprendido antes a ordem das letras no alfabeto (a prática antiga), também era muito significativo. O método não apenas as ajudava a identificar as funções de letras e palavras no texto, mas também tinha como objetivo auxiliar as crianças a fazer a transição de uma cultura oral para o conhecimento das convenções gráficas da cultura escrita, à qual a tradição cristã devia sua possibilidade de transmissão. (CHARTIER, 1998 citado por OLIVEIRA, 2012).

Todavia, o historiador brasileiro Ricardo da Costa enfoca (2009), tal como, foi imposta uma nova perspectiva para a educação infantil, ou seja, o monacato no qual os monges criaram verdadeiros “jardins de infância” nos mosteiros, recebendo indistintamente todas as crianças entregues, vestindo-as, alimentando-as e educando-as, num sistema integral de formação educacional, sobretudo, as comunidades monásticas célticas, que se contrapunham às práticas pedagógicas germânicas. Segundo Costa:

As comunidades monásticas célticas foram as que mais avançaram nesse novo modelo de educação, pois se opunham radicalmente às práticas pedagógicas vigentes das populações bárbaras, que defendiam o endurecimento do coração já na infância. Pelo contrário, ao invés de brutalizar o coração das crianças para a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

guerra e a violência, os monges o abriam para o amor e a serenidade. (COSTA, 2009, p.159).

Ainda para o historiador Thomas Woods Jr (2012), os monges desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da civilização ocidental, bem como na dedicação das práticas de ascese, acabando por provocar um impacto profundo no mundo exterior. Nesse caso, é válido lembrar o empenho dos monges copistas em realizar a sua tarefa, cuja atividade era considerada exigente, no entanto, com as suas próprias contribuições originais, os monges e os demais membros da Igreja, se empenharam em preservar livros e documentos que foram importantes para salvar a civilização antiga.

Nesse caso, as escolas monásticas e os mosteiros católicos cumpriram uma importante função civilizatória no interior da sociedade medieval. Para tanto, na visão de Janio Costa “foram os mosteiros que, uma vez reunidos e organizados de modo centralizado, deram origem às ordens e congregações católicas”. Além disso, o monasticismo é considerado responsável pela formação cultural:

Os mosteiros garantem a transmissão da cultura, a educação dos jovens que lhes são confiados (*oblato*) e garantem também a passagem para além daqueles que farão profissão tardia (*professio ad sacurrentum*). Outros, plantados na solidão das florestas ou pântanos, traçarão estradas, guiarão os viajantes, semearão, arrotearão terrenos, extrairão o sal do mar e a riqueza de toda a criação, de toda a criatura. (COSTA, 2004 citado por SOUZA, 2011).

Contudo, ao considerar o papel exercido pelas instituições monásticas na preservação do mundo clássico, podemos perceber tal como o legado da Antiguidade no qual desfrutamos atualmente, seja nas instituições de ensino, na arquitetura, na filosofia, ou no teatro, são elementos que nos é possível desfrutar, devido à atitude dos monges medievais.

Abordagens acerca da essência filosófica da Escolástica

A partir de agora focalizaremos nosso trabalho acerca do estudo sobre a Escolástica, abordaremos a interpretação da autora Terezinha Oliveira (2002) na obra “Luzes sobre a Idade Média”, no qual, a pesquisadora medievalista nos afirma tal como em sua interpretação considerar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a Escolástica de uma maneira anacrônica, sem ao menos verificar o que ela representou na ocasião do seu surgimento, mas dando atenção apenas às críticas posteriores a ela, torna-se um grande equívoco, pois, tais críticas surgiram quando ela estava perdendo a sua vitalidade.

Dessa forma, em “Anais do VIII Encontro Internacional de Estudos Medievais: As múltiplas expressões da Idade Média: Filosofia, Letras, Artes, História e Direito” as autoras Márcia Guimarães e Terezinha Oliveira pontuam bem como, a educação escolástica marcou o ensino medieval e representou a aliança entre o saber filosófico clássico e o da Sagrada Escritura. Esta filosofia nasceu em virtude da necessidade de regras e normas naquela sociedade que começava a ser definida após o fim do domínio romano na Europa ocidental. Nesse sentido, a base para o desenvolvimento da escolástica foi o cristianismo e sua influência se estendeu até o século XIII, no entanto:

Aos alunos cabia a obediência ao mestre, reconhecia-se total autoridade, a subordinação às normas tanto às regras do cotidiano quanto aos ensinamentos divinos e a execução do trabalho “sobretudo o manual”[...] Nas escolas fundadas pela Igreja, nos mosteiros e nas abadias, os estudantes aprendiam as disciplinas que compunham o *trivium* o *quadrivium* que, ao buscarem a relação entre filosofia e teologia, estimulavam à dialética e a discussão [...] a escolástica cumpriu o papel que devemos esperar daqueles que se comprometem com o caráter social do ensino, o de sugerir respostas, suscitar questionamentos, promover debates que contribuam para o bem viver em sociedade. (GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2011, p. 57).

Além disso, para Martinho Grabmann, a investigação histórica da Idade Média demonstra cada vez mais que, os conhecimentos dos escolásticos a respeito das ciências naturais não eram tão escassos como muitas vezes se afirma. Como podemos ver nos escritos do autor:

Además, la investigación histórica de la Edad Media demuestra cada vez más que los conocimientos de los escolásticos en las Ciencias Naturales no eran tan escasos como muchas veces se afirma. Una ojeada de conjunto sobre las fuentes, impresas inéditas, nos descubre a través de toda la Escolástica una tendencia hacia los estudios científico-naturales y hacia las observaciones relativas a la filosofía de la Naturaleza. Las obras matemáticas y de Ciencias Naturales debidas a los antiguos y a los árabes fueron estudiadas con gran solicitud. (GRABMANN, 1928, p.28).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na concepção de John Redden e Francis Ryan, a filosofia escolástica abrange certos aspectos acidentais, por apresentar a base racional da vida e do pensamento. Essa filosofia aceita a forma de vida e o processo de pensamento no plano sobrenatural; explica ou demonstra porque e como este plano tem uma sólida base racional⁴. De acordo com os autores as explicações e demonstrações são tão consistentes e válidas quanto o raciocínio sobre que se baseiam:

A filosofia escolástica é o único processo de pensamento, na ordem natural, completo e adequado, e que fornece a base racional para a nossa maneira de vida e processo de pensamento, no plano sobrenatural. Pode haver outros sistemas de pensamento, mas nenhum deles é completo e adequado, ainda que admitíssemos fossem válidos. (REDDEN; RYAN, 1973, p.8).

De fato, Jacques Le Goff (2005) defende, tal como a própria palavra "escolástica" retomando o latim *scola*, significa um saber que se ensina. Todavia, impõe a ideia mais ampla de um método pedagógico "universal", próprio dessa nova instituição a qual chamamos de universidade. Sendo assim, a escolástica constitui um corpo de mestres, uma corporação e uma totalidade dedicada ao saber. Nesse sentido, a escolástica é considerada a um tempo ciência de Deus e sabedoria dos homens, é a teologia e filosofia.

⁴De acordo com John Redden e Francis Ryan, a filosofia escolástica oferece uma racional explicação e demonstração da vida e do pensamento no plano sobrenatural, isto é, na concepção escolástica, a forma de vida e o processo de pensamento no plano sobrenatural constituem uma matéria de fé, no entanto, o processo de pensamento, no plano natural (a filosofia), é produto apenas da razão, ou seja, se baseia exclusivamente nela.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações finais

Após essa breve explanação verificamos a relação que os monges tiveram com a cultura da Idade Média Central, a partir do momento em que eles protegeram o mundo clássico em meio às invasões bárbaras. Visamos compreender também, os elementos filosóficos que constituíram a essência da Escolástica, tal como o fato dela ter tido como base, os conceitos Antigos a respeito da razão e da essência humana.

Dessa forma, consideramos que a Idade Média Central foi um período riquíssimo em termos culturais, pois, foram as suas instituições que a deram as bases para as instituições modernas, e pensando nisso é que chegamos a conclusão de que devemos para a Idade Média nossas universidades, a democracia ocidental, a filosofia, a arte e outros elementos.

Referências

- BASCHET, J. **A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- COSTA, Jânio. "A educação do corpo". In SOUZA, Ana A. Arguelho de (org.). **Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul – SED/MS**. Campo Grande – MS, 2004. p. 131.
- COSTA, Ricardo. **Ensaio de História Medieval**. Rio de Janeiro: Angelicum, 2009.
- DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- DAWSON, Christopher. **Criação do Ocidente: A Religião e a Civilização Medieval/Christopher Dawson 1889-1970**. – São Paulo: É Realizações, 2016.
- FOURQUIN, Guy. **A Economia do Ocidente Medieval**. Edições 70, Lisboa, 1997.
- GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- GRABMANN, M. **Historia de la filosofia Medieval**. Editorial Labor S. A, 1928
- LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. **As Raízes Medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 8º ed. 2017.
- NUNES, R.A.C. **História da educação na antiguidade na Idade Média**. São Paulo: EDUSP, 2017.
- OLIVEIRA, Terezinha. **Ensino e debate na universidade Parisense do século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio**. Maringá. EDUEM, 2012.
- OLIVEIRA, Terezinha. **Luzes Sobre a Idade Média**. Maringá. EDUEM, 2002.
- PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Publicações Europa-América: Lisboa, 1997.
- REDEEN, John D; RYAN, Francis A. **Filosofia Da Educação**. Rio de Janeiro: Agir Brasília, 1978.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- SANTOS, B; COSTA, R. **Historia da filosofia medieval**. Vitória. Editora Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância. 2015.
- VARA, Julián D; ARSUAGA, Ana E. **La Edad Media: Siglos V-XII**. Madrid: Editorial universitaria Ramón Areces, 2009.
- WOODS JR., T. E. **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2012.
- GUIMARAES; OLIVEIRA. “Uma Análise Acerca da Educação Escolástica no Século XIII” *In*. **Anais do VIII Encontro Internacional de Estudos Medievais: As múltiplas expressões da Idade Média: Filosofia, Letras, Artes, História e Direito**. Vol I / Coordenação: Bento Silva Santos & Ricardo da Costa. Cuiabá: EDUFMS, 2011.